N.° 5.

****

O CIDADÃO PHILANTROPO,

OU

JORNAL POLITICO, LITERARIO, E RECREATIVO.

AGOSTO DE 1836.

Os Senhores que pertenderem subscrever para este Jornal podem dirigir-se aos Redactores do mesmo, pelo correio de Braga, em carta franca de porte; na certeza de que a todo o tempo, que mandem a sua assignatura, lhe serão remettidos os N.os por inteiro, a contar do mez d'Abril, primeiro do anno do Jornal. Tambem se subscreve, e vendem N.os avulsos na mesma Cidade de Braga, em casa de Luiz Tallone, com Loja de quinquilherias á fonte da Carcova, e na Cidade do Porto na Loja da Imprensa.

Preço da assignatura	*por anno*	2$400 *rs.*
	por semestre	1$200 „
	por trimestre	600 „
Numeros avulsos		200 „

PORTO: 1836. — IMPRENSA DE COUTINHO, rua da Fabrica N. 35.

O CIDADÃO PHILANTROPO,

OU

JORNAL POLITICO, LITERARIO, E RECREATIVO.

AGOSTO DE 1836.

Puisse de nos malheurs le souvenir affreux
Exciter la pitie de nos derniers neveux,
Arracher a leurs yeux des larmes salutaires,
Et qu'ils n'imitent point les crimes de leurs peres.
Monty.

ARTIGO PRIMEIRO.

Politica.

Entre o alfange sanguinario do Despotismo, e a espada violenta das Reformas existe hum termo medio conciliador de todos os interesses. Eis-ahi a nossa esphera: lá bem no centro he onde nós estamos collocados. D'este centro é que dimanão como raios d'hum circulo a ventura, e a Liberdade, a ordem, e a justiça, a paz, e a harmonia, em fim o contentamento universal. Fulminem-nos embora os ultras de todos os partidos; huns porque, illudidos ou perversos, aguardando em silencio horrivel huma época de sangue, de vingança e escravidão, descobrem em nossos principios hum sistema concentralisador, que desconcerta seus planos; outros porque interpretes injustos (como quasi sempre he vicio dos extremos) mais acerto lhes parece vituperar nossas doutrinas do que brandamente elucida-las. Hum momento de repouso; alguns annos mais de Liberdade, e nossas opiniões serão seguidas. Os tempos justificão: são elles, que suffocão por seu balsamo sau-

davel os clamores do beneficio ou da injuria, e depois que este se derrama he então que o grito da verdade se levanta, e julga. Talvez que a sua voz resôe fazendo-nos justiça! Talvez que sua lingoagem se dedeclare a bem do homem, que só para ser justo desejou tornar-se livre! Nós não o duvidamos; o filho da justiça he o primeiro Cidadão da Liberdade, é aquelle em cujo coração se extinguírão as sombras do abuso, tanto como os fogos momentaneos do dilirio, e da vertigem deve á face d'hum Governo não menos illustrado do que livre expender suas idéas. Como dom benefico dos Ceos temos por certo a Liberdade; como aborto dos infernos consideramos a escravidão, e os abusos, as superstições, e o fanatismo; como fonte de infortunios o dilirio, e a vertigem, a exageração, e os excessos. Julguemos pois dos interesses Nacionaes, e lancemos hoje nossas vistas sobre huma classe de individuos, que, só porque o he tambem de Cidadãos, desde muito as reclama. A classe do Clero he aquella, a que alludimos. Não advogaremos pelos Parochos, advogaremos meramente pelos homens; porém os Parochos são muitos; muitos são por conseguinte os Cidadãos: o seu numero sobeja para merecer as mais sérias attenções da parte dos futuros Representantes da Nação. Alguem exclamará ao ler nosso discurso que este assumpto vê aqui menos religiosa do que filosoficamente discutido: outros gritarão de prompto em alta voz que advogar a pró do Clero he assoprar o fanatismo. — Os primeiros são os escravos da ignorancia; os segundos são os homens do dilirio. — Não he para huns, nem para outros, que nos propomos escrever. Criticai-nos bem a vosso grado: o tempo e a consciencia serão nossos unicos juizes. Ouçamos a razão desembaraçada do abuso: escutemos a Historia.

A idéa de religião anda ligada á idéa dos Governos. Pequenas Hordas de Selvagens dispersos pela fa-

ce do Globo, que não reconhecem nem Deos, nem culto, nem altares, se he que entre elles existe algum nexo de sociedade, ou algum braço de poder, são com tudo tão escassos em ventura, e em idéas, que mal podem servir-nos de excepção n'esta maxima universal. Musulmanos, Catholicos, Idolatras, Pagãos, Adoradores dos astros, ou do fogo, Habitantes do Oriente, ou do Occidente, Povos antigos, ou modernos todos reconhecêrão a existencia d'hum Deos, ou a necessidade d'elle, e d'hum culto que o honrasse. Desde então a este destinárão hum numero escolhido de individuos, que, de commum com a justiça, fez a astucia respeitaveis. Quasi sempre a riqueza os distinguio, a virtude algumas vezes, e não poucas tambem o fanatismo. Eis-aqui os Sacerdotes. Provou com tudo o bem geral que huns braços destinados ao serviço dos altares não devêrão empenhar-se em outro genero de emprego. A Religião se calculou por necessaria; a Religião pedio hum culto; o culto pedio Ministros, e estes conservação, e decencia. Foi por conseguinte necessario alimenta-los com as fadigas d'outros homens. Dura foi por certo a precisão, mas não será apezar d'isso em tempo algum remediada. O Povo de Israel teve a sua tribu de Levi; no Egypto Pagão huma terça parte das terras era destinada á manutenção do Sacerdocio; na Persia os Magos percebião o dizimo dos fructos; e em fim por toda a India os Ministros dos altares fôrão excluidos dos tributos, no que se fazia consistir huma parte da sua independencia. (1) Eis-aqui a historia filosofica do Sacerdocio primitivo; eis-aqui as causas religiosas, e politicas, que decidírão em todos os tempos os Legisladores, e os Povos a tornar esta classe inde-

---

(1) Não approvàmos nenhum dos meios apontados de enriquecer o Sacerdocio. Citamo-los como exemplos da historia, e não como sistemas a adoptar. Diverso he nosso modo de pensar a tal respeito, e esperamos que n'isso se faça reflexão.

pendente. Notemos a proposito que o decurso dos seculos não tem feito variar n'este ponto as idéas dos Governos, e que mais ou menos poderoso, mais ou menos influente em os negocios do Estado, o Clero he ainda hoje entre todas as Nações civilisadas huma classe a quem a necessidade constituio privilegiada, e que por effeito d'essa mesma necessidade subsiste do trabalho das outras classes da Nação. Não fique para nós desconhecido que em virtude d'hum contacto immediato com os Povos, a influencia do Clero he digna de pezar-se na balança da Politica. Seus favores ou seus desprezos bem merecem calcular-se. Attente-se por bem de nosso interesse, por interesse universal que, no paiz onde nascemos, o Clero em generalidade; porém mais particularmente a ordem dos Parochos he quem julga as consciencias, encaminha os espiritos, e dirige os corações. Conclua-se por fim que esta classe he numerosa, que entre os Povos hé oraculo, que lhe faz brotar os odios, ou nascer as simpathias, que he d'estas que depende o destino dos Governos, e que não convém por conseguinte ferir de morte seus interesses, ou vota-la ao esquecimento. Por dous annos aguardámos em silencio acatador que estas razões fossem pezadas no salão da Assembléa. Illudimos a esperança; porém outra nos renasce: nova scena se apresenta; novos homens vão agora discutir sobre a Tribuna os destinos da Nação. Possão elles escutar-nos! Os Parochos o esperão, e só hum meio he que nos resta de prover por seus interesses. Permitta-se-nos segunda vez aconselha-lo. — Contribuição paga em genero. — Eis-aqui o unico recurso. Seja ella arrecadada como rédito do Thesouro; o Governo a destribua; porém pague-se aos Parochos, indemnizem-se os lezados, e restaurem-se os desfalques d'huma Nação, que, depois de tantos tempos vive apenas de emprestimos. Sabemos que o caracter theocratico dos Dizi-

mos foi razão por varias vezes para que o Clero astucioso, e cybarita os disputasse aos proprios Reis como propriedade exclusiva: sabemos até mesmo que essa classe, quasi sempre devorada pela sede das riquezas; attrahio, e consumio por longo tempo entre o luxo, e entre as delicias huma parte consideravel da substancia das Nações; porém não se alimente agora o fausto, não se favoneie o luxo, sustentem-se os Parochos com decencia, reparem-se os damnos, e escutem-se as queixas. Está da parte do Governo calcular o como, e quanto; a receita, e a despeza, N'este ponto essencial nós fazemos consistir a natureza d'hum Governo progressivo, e reformista. De bom grado se recebem as reformas, quando o abuso as reclama; porém cumpre que se fação graduaes, e successivas, fortes, e suaves a hum tempo, proprias a equilibrar o Edificio social, e tão sómente a esse fim. Por necessario temos, e talvez indispensavel este meio que propomos. Arbitrar congruas aos Parochos sem saber d'onde extrahilas he de certo para o Governo hum embaraço bem terrivel. Consulte elle, qual lhe cumpre, os interesses de todas as classes, e todas ellas lhe darão as suas bençãos. As necessidades d'Estado são urgentes: quem ha ahi que o desconheça? empreguemos os meios de occorrer-lhes; sejamos unanimes n'hum ponto — o bem commum da nossa Patria. — Os Parochos esperão que se provenha em sustenta-los. Não seja pois aos olhos d'huma nova Representação Nacional considerada conio nulla esta porção de Cidadãos! Politica nos parece escutar as suas queixas: se humas tem origem na ambição, outras a derivão da justiça. Apontaremos em rezumo algumas imperfeições reformistas, que ás ultimas dão causa. — 1.ª Imperfeição gravissima no calculo, com que se avaliou o rendimento dos passaes, e dos benesses. — 2.ª Imperfeição não menos consideravel na reducção das Freguezias superficialmente executada. — 3.ª Imper-

feição na porção desigual, que se arbitrou aos Parochos da Cidade, e aos das Aldêas. — 4.ª E ultima imperfeição a pouca exactidão da parte do Governo em satisfazer as congruas promettidas. — Da primeira d'estas quatro imperfeições se deduz em resultado que, devendo o total das congruas prefazer-se sobre o total do rendimento dos passaes, e dos benesses, huma vez errado o calculo dos ultimos desde logo fica errado igualmente o calculo das primeiras. D'aqui nascem com razão reclamações contra o Governo. Apontamos-lhe o engano para que o repare, e remedeie. Não se persuada elle haver tocado a méta do perfeito no primeiro ensaio das refórmas. O erro he quasi sempre a partilha dos humanos; se por ventura houver errado, emende, ou até mesmo retrocêda quando a necessidade o exigir. — Passemos adiante. A ignorancia thopographica d'aquelles, que reunírão as Parochias faz com que immensas vezes, por effeito de distancias invenciveis entre hum logar, e outro logar, os Parochos não possão satisfazer as funcções de seu ministerio. São então os Povos os que gemem, são os Povos, que se queixão. Esperamos que o Governo attentará por isso, conhecendo quanto cumpre consultar n'esta materia a natureza do territorio Portuguez. A reunião absoluta de Freguezia a Freguezia não he talvez admissivel em Provincia alguma d'este Reino. Podem sim reunir-se os fogos; porém muito raras vezes as Parochias em globo. Estamos certos de que os Povos se darão por satisfeitos, quando, adoptado este plano, se pozer depois em pratica com exame escrupulozo do local das moradias. — A desigualdade das congruas, que apontamos igualmente como fonte de queixumes dá origem entre os Parochos á rivalidade em huns, e em outros á ambição. Se exceptuarmos as duas Cidades mais notaveis do Porto, e de Lisboa, aonde a carestia de todos os generos de consumo produz forçosamente para os Parochos hum

acrescimo notavel na despeza, affirmaremos que nas outras ella de certo não excede, e até mesmo não iguala a que recahe sobre os Parochos das Aldêas. Os encargos, e as fadigas d'estes ultimos são igualmente mais penosas do que os trabalhos dos primeiros. Enumera-los n'este artigo não he o fim que nos propômos: consulte-os o Governo, e seja franco em proteger huma classe, que, despida como cumpre dos regalos da opulencia, não he justo se reduza a faltar-lhe o necessario. — Da quarta, e ultima imperfeição tão patentes males se derivão que ocioso fôra referi-los. Não julgaremos porém d'igual inutilidade aconselhar os novos Representantes Nacionaes que por esses males tomem conta. A Politica o exige, a humanidade o reclama, os Parochos o espérão. Grave erro he dos Governos quando elles tolérão impunemente que hum Clero sybarita absorva o sangue aos Povos; porém não menos prejudica despreza-lo e reduzi-lo á dependencia vergonhosa. Por vezes tem esta classe com hidropica sêde de riquezas reconcentrado em si a substancia inteira das Nações: por vezes tem o Clero hypochrita, e fanatico abusado do poder do Sacerdocio convertende-o em instrumento das paixões mais vergonhosas; porém he n'esse caso que nós clamamos pelo sistema das reformas; he então que os homens do progresso devem ter braço de ferro para fulminar contra os abuzos. O Governo seja attento e vigie de continuo: honre, e favoreça o Sacerdocio á proporção das vantagens, que produz; mas não lhe offereça meios, nem tão pouco dê motivos de inverter sua influencia contra o público interesse. Tanto mais respeitaveis são os Ministros dos altares quanto mais importa reprimir os excessos, que os degradão, e tanto mais podem elles influir nos corações, e nos espiritos quanto mais devem procurar os meios de os esclarecer, e bemquistar. O Clero foi hum dia opulento, e empre-

hendedor, ambicioso, e sanguinario: (2) talvez que ainda hoje se resinta d'esses crimes! De certo não se resente do explendor, nem da opulencia! Choremos sobre elle: hum braço do Governo, se destine a corrigi-lo, destine-se o outro a soccorrê-lo.

ARTIGO SEGUNDO.

Literatura.

A MODERNA ROMA, E SUAS VISINHANÇAS.

Carta de Mr. F. A. de Chateaubriand a Mr. de Fontanes.

(Continuada do N.º ant.)

Mostrárão-me no *Portici* hum pedaço de cinza do Vezuvio, que se desfaz assim que se lhe toca, e que ainda conserva a figura, que diariamente se apaga, do seio e do braço d'huma rapariga sepultada debaixo das ruinas de Pompeia: he huma imagem bem exacta, ainda que não mui brilhante, dos signaes que deixa nossa imagem no coração dos homens, que não he mais do que cinza e poeira.

Antes de partir para Napoles fui estar alguns dias só em Tivoli e vizitei as ruinas vizinhas, com particularidade as da Villa Adriana. Chovendo-me quando andava n'estas digressões fui-me refugiar na sala do Ther-

---

(2) Se a alguem parecerem exageradas taes arguições, que se recordem dos os seculos inquisitoriaes, os famosos autos de fé, as guerras de Religião, e em fim todo o sangue derramado pelo cutelo do fanatismo nas campinas do Mexico, e do Perú.

mes vizinhos do Pecilo, debaixo d'huma figueira; que crescendo havia derribado parte d'hum muro. Em hum pequeno salão octogno, que eu tinha em face, huma videira selvagem tinha atravessado por entre a abobeda do Edificio, e a sua grossa copa liza, vermelha, e tortuosa estendia-se ao longo do muro á maneira de huma serpente. Em torno de mim, por entre as arcadas das ruinas, abrião-se diversos pontos de vista da Campanha Romana. Muitos arbustos de salgueiros enchião as salas dezertas aonde vinhão refugiar-se alguns melros solitarios. Os fragmentos do Edificio estavão cobertos de folhas de escolopendra, cuja verdura assetinada figurava pedaços de Mosaico sobre a alvura dos marmores. Aqui e alli altos ciprestes substituião as columnas cahidas n'estes Palacios da morte; e o acantho selvagem jazia humilde a seus pés, espalhado sobre muitos fragmentos, como se a natureza ainda quizesse infeitar estes chefes d'obra mutilados de architectura com os ornamentos de sua belleza passada. As bellas salas, e os cumes das ruinas assemelhavão-se a açafates, e a ramalhotes de verdura; o vento agitava estas humildes grinaldas, e as plantas reclinavão as cabeças com o pezo da chuva do Ceo.

Em quanto eu estava contemplando n'este quadro mil idéas confusas occupavão a minha alma: humas vezes admirava, outras detestava a grandeza Romana; e ora meditava nas virtudes, ora nos vicios d'esse proprietario do mundo, que tinha pertendido fazer do seu jardim huma imagem do seu Imperio. Recordava-me dos successos, que havião arruinado esta Villa soberba: via-a despojada de seus mais bellos ornamentos pelo successor de Adriano; contemplava nos barbaros passando por alli; ora como um turbilhão, ora acantonando-se n'esses mesmos monumentos, quequasi havião destruido, e para melhor se defenderem creando a ordem Grupa e Toscana, com as Ameyas Gothicas; e em fim

via os Religiosos Christãos restituindo a civilização a estes logares plantando vinhas, e fazendo passar a charrua pelo Templo dos Stoicos, e pelas salas da Academia. Depois d'isto me apparecia o seculo das artes, e com elle novos Soberanos, que acabavão de transtornar as ruinas que ainda restavão d'estes Palacios, para descubrir alguns chefes d'obra das artes. E no meio de todos estes pensamentos ouvia huma vóz interior, que me repetia tudo o que mil vezes se tem escripto sobre a vaidade das cousas humanas. Com effeito nos monumentos da Villa Adriana havia huma mui refinada, e complexa vaidade; porque, como todos sabem, elles não herão senão imitações d'outros monumentos espalhados pelas Provincias do Imperio Romano. O verdadeiro Templo de Serapis em Alexandria, a verdadeira Academia de Athenas já não existião; e as cópias de Adriano não erão mais do que ruinas de ruinas.

Agora devia eu ainda, meu bom amigo, descrever-vos o Templo da Sybilla em Tivoli, e o engraçado Templo de Vesta suspenso sobre uma cascata; mas não tenho tempo para isso. Igualmente sinto não vos poder pintar essa soberba cascata celebrada por Horacio: quando eu estava n'estes sitios habitava na realidade em vossos dominios.

Memoria Historica da Typografia Bracharense. P. 196.

Antigos, e por certo muito antigos são em Portugal os Prélos Typograficos. Poucos annos depois de seu nascimento entrárão elles n'este Reino com aproveitamento e resultado. Foi Leiria, se julgarmos segundo a tradição, a primeira Cidade Portugueza aonde existio hum Prélo Typografico; seguio-se-lhe Lisboa, e logo depois Braga, que veio a ser por conseguinte a terceira Cida-

15: de do Reino enobrecida já em o seculo 5.º com a arte typografica. O primeiro trabalho d'este Prélo he a edição do Breviario Bracharense impresso em o anno de 1454 pelo Impressor Alemão João Ghelimèr, e trabalhada sobre o Codigo Mss. em pergaminho, que havia em o Cartorio da Relação d'esta Cidade, e escripto em o tempo do Arcebispo D. Fernando de Gouvêa, em o anno de 1440. Continuárão os trabalhos do Prélo Bracharense em o seculo 16 e fòrão aqui impressores mais conhecidos João Barreiro, João Beltrão, João Alvares, e Antonio Mariz. Debaixo da direcção de Fructuoso Lourenço de Basto, Francisco Fernandes de Basto, Gonçalo de Basto, e Manoel Cardoso trabalhou ainda alguns annos do seculo seginte a mesma Typografia, na qual foi impresso em latim o — Missale Bracharense — em o anno de 1634, por ordem do Archebispo D. Balthezar Limpo; e em 1641 o foi o Tomo 1.º dos Sermões do Padre M. Francisco d'Amaral, cuja edição he trabalho do Impressor Gonçalo de Basto; sendo esta a ultima obra de que temos noticia se fizesse impressão em o Prélo Bracharense. Por espaço quasi de dous seculos veio a estar por conseguinte morta em Cidade tão notavel a invenção mais util, e proficua. Pezava de certo a nossos conterraneos ver assim na lethargia hum tal esmêro do ingenho, e por quanto elles são hoje dos primeimos, entre os povos Portuguezes, na sciencia, e nos estudos, tanto foi razão sobeja para que meramente aconselhados pelo digno Cidadão, e a esse tempo Governador Civil, o Exm.º Manoel de Castro Pereira, se mostrassem os Bracharenses liberaes, e pressurosos em inscrever-se accionistas d'huma sociedade destinada á compra d'um Prélo, que deu aqui principio a seus trabalhos em o mez d'Abril do corrente anno (1835.) Tem este hoje seu local no Palacio dos Arcebispos d'esta Cidade, em hum dos quartos da nova galeria, que olha para o lado do poente; e supposto ainda mesquinho assim de impres-

sores como de Typo, nem por isso nos murcha a esperança de vê-lo em breve collocado apar dos mais famosos d'este Reino, com o auxilio, e protecção do Patriotismo Bracharense. D'esta sorte em seculos de Liberdade, e illustração as sciencias tem amparo, as bellas artes se cultivão, e o merito não definha agrilhoado por estultos.

ARTIGO TERCEIRO.

Poesia.

ELOGIO

Aos annos da Serenissima Princeza de Portugal, Leopoldina Carolina Josepha.

Oh Paz! Oh Flor d'Olimpo! Oh Diva excelsa!
Não só deve acatar-te o mundo inteiro,
O Ceo mesmo colmar-te d'honras deve
No rodopio d'esbofada guerra.
Desmantelado cabecéa o Globo!
Fitos os olhos, estirada a guéla,
Entrado já na orbita, o momento
De engoli-lo d'hum sorvo espreita o Cahos!
Eis tu possante mettes punho aos pólos,
O balanço refréas, o eixo escóras,
Harmonia lhe embebes, leis lhe encravas.
De ti em desdobrada catadupa
Jorrão bens sobre bens: em ti sómente
A Planta social raizes prende;

Só teu alento lhe fecunda o germen,
O Tronco lhe frondéa, a copa inflora.
Oh Paz! mimo dos Ceos, do teu regaço,
Prenda só tua, como vem donoso,
(Pelos amenos do horisonte alvores
Espraiando-se fausto, evaporando-se
Em orvalho dulcissimo em aromas,
Rasto a poz si de Magestade, e pompa,
Clarão de gloria antecedendo longo,
Brazão dos Ceos, da Natureza esmálte,
Primor das éras) este augusto Dia!
Sou eu, exclama assiduo, e os astros párão,
Sou d'entre milhões d'infindos évos,
Que dei a Leopoldina a luz primeira.
O' Danubio! que Nome! bem te vejo
Sacudir madrugado as verdes tranças
D'algum resto de pó cahido a Marte:
Pelos ares delir balsamo puro
Recem-fendido d'infestadas Aguias:
Bem te vejo açodado inchar o bôjo
A' clangirosa, mosqueada concha,
Ninfas, Tritões arrebanhar de golpe,
Com elles adorar saudoso Berço,
Berço, que mil virtudes embalárão,
D'Heroina sem par, que te exclaréce,
Que rebrilha per si, sem os reflexos
Da torrente luciféra, que espalha
D'Austria, e Lorena o amalgamado Tronco.
D'alli se foi d'aquella praya ao longe.
Marquem vestigios seus padrões de jaspe.
Cravado n'alma remurmura ainda
Aquelle adeos suave, heroico, e terno,
Que o pranto move, mas reprime o pranto,
Que inspira magoas, mas respeito infunde,
Que affectos léva, mas lições nos deixa:
Aquelle adeos.... Vindouros com que assombro

Com que assombro ouvireis toar seus écos?
Bem te vejo.... mas oh! como a teus cultos
Reúne o culto seu o Tejo absorto!
Eis o dia dos seculos inveja,
Honra eterna, retrea sonoroso,
A' Vergontea gentil, que brota ovante,
Que o Germano explendor apura, e dobra.
Docel Imperial lhe presta sombra,
Presta-lhe amiga luz radioso Sceptro.
Mil palmas, louros mil em torno crescem.
Borrasca alli não ha, que o Ceo lhe enturbe:
Nem ouza Eólo suscitar tumultos.
Partilha he sua e florescencia eterna,
Ei-la nos braços, Jove assim o ordena,
De Lustros cinco discorrendo os mares:
Dobrando o cólo respeitoso Oceano
Aceita em paz risonha a turba fervida.
Da estranha maravilha alvorotado
Em pé nas ondas o Equador dá vivas
Respondem — viva — os hemispherios ambos.
Nas prayas surtem de Cabral invicto.
Lá c'hum Ramo immortal da sempre clara,
Sempre adoranda Bragantina Estirpe
Se trava, se entrelaça, se entreaperta:
N'elle a existencia confundida enleia,
N'elle respira, n'elle a vida alenta.
Quer dos évos por vir, quer dos já vindos
A mais gloria Himeneu já não aspira.
Celicolas, diz elle, n'este Alcaçar
Mais alto que atéqui me cabe assento.
A obra rematei da mor grandeza.
Vinculei para sempre em meus altares
D'Austria a Princeza, e o Principe da Beira.
Hoje he dia natal d'esta Heroina.
Para a mão lhe beijar á terra desço....
Ceos! que extranho explendor me cahe na mente!
Flamma divina me faisca n'alma.

Pizão terra os meus pés; mas já da terra
Nem pensar, nem sentir derivo agora.
Salve Quadro immortal! Verdade Salve.
Qual se mostra Janeiro, qual se mostra
Essa augusta Porção do melhor sangue,
De cadéas de Heroes anel fulgente,
D'Avoengos sceptrigeros sem conto,
Pasmo, Veneração da Europa inteira,
Prole d'hum Semideos, de Pedro Esposa!
De tão excelso gráo descendo sempre
A todos meiga, carinhosa affavel.
Hombro por hombro a humanidade méde.
Esta maça é commum: acima d'esta
Só razão clara, só virtude sóbe.
Manto rutila, que a indigencia ampára.
Não chora a Viuvez, não chora o Orfão,
Nem desvalido o merito definha.
Não póde a sombra tolerar o crime;
Mas se encára no réo, deviza o homem,
Em honra sua aclamações bem ouve
Do Luso, e do Germano Throno dignas,
Trôa o trovão na embaideirada torre.
Lustre-se em tremulantes garlhadetes,
Empoladas ao vento as velas todas,
Soberba nau no salso argento arfando,
Respondendo incessante, estrepitosa.
De bombordo a estibordo he fogo he fumo
O rouco trom da esfuziada rouca
De serra em serra reverbéra horrendo.
Larga o cajado o Pegureiro incauto.
Arrancão fuga atordoadas rezes;
E a pávida Donzella ouvidos tapa.
Terror e enleio aos olhos Marcias filas
Ante os Paços Reaes relampaguéão.
Entre sonoros, retrementes rufos
Os sagrados Pendões no chão acurvão.

Pelos duros fuzis açacalados
Successiva alegria em chamas corre;
E mais ardente nos briosos peitos
Energico alarido aos astros guinda.
Mas o viva, que sahe lá da masmorra,
Pelos ares trepando enfraquecido,
O viva á Protecção, ao Regio amparo,
Que do leito da dor mal se escoaça
São aos seus olhos mais jucundo applauso,
Mais Pompa festival, mais Realeza.
Verdade, solidez, pensar seguro,
Inexhausta, geral Benificencia.....
Que digna Esposa de tão digno Esposo!
Do Ceo de Lysia que mais digna Estrella!
Futuro, se os arcanos teus me abrisses!....
Que Rainha!... Que May!... Que Regia Próle!
Rainha!... Oh magoa! Oh perda! Arcanos fecha.
A par de Pedro, a par de Leopoldina
Eterno vivas, João Sexto vivas!

Por J. Evangelista.

O Raminho de Amendoeira.

O' retrato da Belleza!
O' hastesinha florida!
Como tu, a flor da vida
Nasce, e morre antes do v'rão.

Como tu breve desfolhas
Desfolhão todos os seres,
Como tu nossos prazeres
Velozes fugindo vão;

Porém ao Zefiro brando
Encantos seus disputemos,
Da taça d'ouro esgotemos
Perfumes, que vão findar.

A formosura he qual rosa,
Que adorna a frente ao Romeiro,
A's vezes murcha primeiro
Que a festa tenha logar.

Os dias vão-se escapando
Co' a Primavera d'involta,
Cada flor que o vento solta
Nos diz, gozai d'esta flor.

E já que voltar não devem
As rosas, que os ventos cólhem,
Que as rosas não se desfolhem
Se não nos labios d'amor.

Mr. De Lamartine.

Traduzido por D. J. d'Azevedo.

A Volta.

O' Valle aonde resôou meu canto,
Rio de minhas lagrimas banhado,
Prados, colinas, bosque idolatrado,
Avezinhas, que alli cantaveis tanto!

Dos ais de Nise balsamo recinto,
Sitios por onde, á sombra do arvoredo,
Mil vezes me guiou Nise em segrêdo,
E onde os passos meus conduz o instincto!

Vosso tempo fugio: debalde agora
Olhos vos fito em lagrimas desfeitos,
Que n'estes prados, dantes tão perfeitos,
Gostos não góso, que gosei outr'hora.

Porém a terra está qual dantes bella!
O Sol puro qual dantes se mostrava!
Ah! bem conheço, tudo que eu amava
Não, não ereis vós, era só ella.

Mr. De Lamartine.
Taduzido por D. J. d'Azevedo.

A Borboleta.

Nascer co'as flores, e morrer com ellas,
Sobre as azas do Zéfiro pouzar-se,
E dentre os seios de purpurea rosea,
Extrahindo o prazer d'almo perfume,
Hir nos ares depois qual leve sôpro,
As azas sacudir; eis o destino,
O mist'rioso ser da Borboleta.
Qual o desejo he, tal he seu fado:
Hum momento não pousa, hum gôso he nada,
Muitos gôsos ancêa, a cento os prova,
E, sem que hum d'elles ávida a sacie,
Lá volta em fim aos Ceos buscar delicias.

Mr. D. Lamartine.
Traduzido por D. J. d'Azevedo.

SONETO.

Bem como a aurora, que de sombra illesa,
Ensaia para o Sol geral suffragio,
Assim nasceu Marilia, e a natureza
Mostrou d'encantos mil n'ella o presagio.

Crescendo em perfeições, e em gentileza,
Ama-la entre os pastores foi contagio,
Alta, difficil, melindrosa empreza,
Dos pobres corações fatal naufragio.

Eis que a medonha Parca a fouce arvóra.
E qual a tenra flor, em flor cortada
Succumbe ao golpe a misera pastora.

Oh! triste, humana raça desgraçada,
Que vãos são teus primores, se os devora
A terra, o tempo, a morte, a cinza, o nada!

Por.....

ARTIGO QUARTO.

Variedades.

Hum crime.

Morto Alberico, Arcebispo de Burges, o Papa Lucio 2.º sem consultar a Luiz 7.º Rei de França, lhe nomeou successor. Não quiz este Monarcha supportar hum desprezo tal de sua authoridade, e recusou investir o successor de Alberico. Thilbaute, conde de Champanha; e os condes de Blois, tomárão partido pelo Papa: Luiz 7.º marcha contra o primeiro, e desmascara o seu caracter de tigre occulto debaixo das apparencias d'hum Principe devoto. O Exercito do Rei depois de ter posto tudo a fogo, e sangue, nos campos vizinhos de Vitry, toma esta Cidade, e commette n'ella iguaes horrores. Nós estremecemos sendo obrigados a referir que mil e quinhentos habitantes, que se havião refugiado em huma Igreja, Luiz, o catholico Luiz, lhes mandou fechar as grades do Templo, e o entregou ás chammas. Collocado com seus principaes officiaes defronte do edificio incendiado, o Monarcha feroz surria em presença das convulções horriveis, e do rangido dos dentes, que tantas victimas lhe mostravão atravez dos ferros..... « Quando esta vil canalha chegar aos infer-
» nos, dizia elle a seus satellites, terá ao menos apren-
» dido já o officio de condemnado....; ella deve por
» conseguinte agradecer-me o haver-lhe servido de mes-
tre..... »

ANNUNCIO.

Venda por Bilhetes.

No dia 3 de Setembro de 1836. definitivamente e irrevogavelmente.

Com authorisação de S. M. o Imperador d'Austria, e perante as competentes authoridades Imperiaes, se procederá por loteria á extracção dos seguintes premios:

1.° De dous magnificos Palacios numeros 29 e 30 em Vienna d'Austria, avaliados em 206 contos e 800 $ 000 réis.

2.° Da rica propriedade de Merlhorf, na parte meridional inferior do Ducado de Styria, uma das joias da corôa imperial d'Austria, avaliada em 61 contos e 120 $ 000 réis.

3.° Da bella propriedade de Rosbach, na Styria, com o Senhorio de muitas terras e fóros, avaliada em 34 contos e 640 $ 000 réis.

4.° Das Vignas de Dorn na Styria, com habitação, etc. avaliadas em 20 contos e 800 $ 000 réis.

Esta venda contém ao todo 23919 premios cujo valor total se eleva á somma de 369 contos, e 120 $ 000 réis.

Preço d'hum bilhe 4000 réis.

As pessoas que comprarem 6 bilhetes receberão hum 7 *gratis* encarnado, *que infallivelmente ganhará ao menos* 5 *florins de Vienna*,; as que comprarem 12 receberão 3 *gratis*, encarnados, *e com o mesmo premio infallivel.*

Estes bilhetes encarnados, que infallivelmente devem ganhar, tem grandes vantagens, pois não só concorrem á extracção principal, mas tambem a huma particular, da propriedade de Merlhof, e 199 premios de dinheiro de 100 florins de Vienna pelo menos cada

hum, importantes em 9 contos e 120$000 réis. Além d'isso os 12 primeiros numeros que sahirem n'esta extracção particular ganharão cada hum uma caixa de prata dourada com 12 Soberanos dentro: de sorte que o mesmo numero póde ganhar differentes vezes. São todos os numeros brancos que ganharão infallivelmente 5 florins de Vienna.

As pessoas que desejarem bilhetes para a venda mencionada podem dirigir-se ao Sr. José Antonio Borges da Silva, com loja de Cambio, no Rocio, numero 63. As cartas que da Provincia lhe forem remettidas devem trazer porte pago, sem o que não serão acceitas.

Como o sobredito Senhor não tem por em quanto se não 60 bilhetes da venda mencionada, apenas estes se acharem vendidos, elle se incumbe de fazer vir outros para as pessoas que os desejarem: para isto não será necessario mais do que pedi-los de viva voz ou por escripto ao Sr. Borges, até ao dia 12 de Agosto inclusivamente; e sem nada pagar adiantado; elle se encarrega de fazer a remessa pedida *dentro d'hum mez, pouco mais ou menos*, e só então receberá a importancia correspondente.

Na sobredita loja de Cambio se achará depois a lista completa de todos os numeros que ganhárão, assim como em duas outras lojas de Coimbra e Porto que mais tarde serão mencionadas. As pessoas d'outras terras do Reino que comprarem estes bilhetes receberão listas directamente pelo Correio. Elle se incumbe tambem de promover em todas as Cidades de Portugal o recebimento dos premios que sahirem, ou o valor das propriedades, por via de banqueiros os mais acreditados de Lisboa e Pariz.

Os Banqueiros Hueber e Troelich de Vienna promptificão-se a comprar e pagar immediatamente as propriedades mencionadas.